

2023

**DESENVOLVIMENTO DO AMBIENTE SOCIOMORAL E DA AUTONOMIA
MORAL DOS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL – SEQUÊNCIA
DIDÁTICA PARA DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL**



**MESTRADO PROFISIONAL
PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

REGIANE TAVARES SILVA

**CENTRO DE ESTUDOS
UNIFICADOS BANDEIRANTE
SANTOS – SP**

**UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
MESTRADO PROFISSIONAL
PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

REGIANE TAVARES SILVA

ORIENTADORA: Prof.^a DR.^a ELISETE GOMES NATÁRIO

**DESENVOLVIMENTO DO AMBIENTE SOCIOMORAL E DA
AUTONOMIA MORAL DOS ESTUDANTES DO
ENSINO FUNDAMENTAL — SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA
DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

1ª Edição

**SANTOS
CEUBAN**

2023

**CENTRO DE ESTUDOS UNIFICADOS BANDEIRANTE
MESTRADO PROFISSIONAL DE PRÁTICAS DOCENTES NO
ENSINO FUNDAMENTAL**

REGIANE TAVARES SILVA

**DESENVOLVIMENTO DO AMBIENTE SOCIOMORAL E DA
AUTONOMIA MORAL DOS ESTUDANTES DO
ENSINO FUNDAMENTAL — SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA
DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Produto apresentado para obtenção do título de Mestre em Práticas Docentes no Ensino Fundamental à banca de dissertação composta pelos examinadores Profa. Dra. Irene da Silva Coelho e Profa. Dra. Dayse Inocência Margarida de Lemos

Orientação: Prof.^a Dr.^a Elisete Gomes Natário

SANTOS

2023

RESUMO

Este produto educacional refere-se à pesquisa realizada no Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental da Universidade Metropolitana de Santos – SP cujo o título é Desenvolvimento Sociomoral do 9º Ano do Ensino Fundamental de uma Escola Pública da Baixada Santista. Tem como objetivo realizar uma sequência didática sobre o desenvolvimento sociomoral e da autonomia moral por meio do diálogo para os docentes do ensino fundamental. O público-alvo deste material são os professores do Ensino Fundamental em sua formação inicial e continuada. Este produto tem o intuito de auxiliar os professores em sua formação inicial e continuada com arcabouços textuais, práticas e estratégias por meio de uma sequência didática que visa auxiliar no desenvolvimento sociomoral em sala de aula por meio da dialogicidade na construção das relações interpessoais. Tem como destaque favorecer a compreensão das regras e combinados que auxiliam no desenvolvimento da autonomia moral do estudante; a construção das regras e combinados com os estudantes com o intuito de promover a cooperação e a autonomia em sala de aula. Por fim, oportuniza a apresentação e discussão dos recursos que levam à reflexão, autorreflexão e desenvolvimento das relações interpessoais em sala de aula.

Palavras-chave: ambiente sociomoral; autonomia; relações interpessoais; diálogo; desenvolvimento do juízo moral.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVOS	9
2.1. Objetivo Geral	9
2.2. Objetivos Específicos	9
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
3.1. O Desenvolvimento do Ambiente Sociomoral e Autonomia Moral – desmembrando seus sentidos	15
3.2. O Diálogo como eixo Norteador do Desenvolvimento Sociomoral	20
4. SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL ..	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	Erro! Indicador não definido.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estágios do desenvolvimento.....	11
Figura 2 - Desenvolvimento do ambiente sociomoral.....	15
Figura 3 - Desenvolvimento sociomoral	17
Figura 4 - O diálogo como eixo norteador do ambiente sociomoral.....	21
Figura 5 - Momentos dialógicos	24
Figura 6 - Construção da autonomia em sala de aula	27
Figura 7 - Análise do cumprimento das regras e combinados em sala de aula	29
Figura 8 - Momento de reflexão	30
Figura 9 - Análise do cumprimento individual das regras e combinados em sala	32
Figura 10 - Projeto de Serviço Escolar: Cuidando do Próximo	34
Figura 11 - Avaliação da Sequência Didática.....	37

1 INTRODUÇÃO

Este material é um produto educacional que contém sequência didática fundamentada em arcaibouços textuais que fizeram parte da elaboração da dissertação “Desenvolvimento do ambiente sociomoral do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública na Baixada Santista – SP”, elaborada durante o Mestrado Profissional em Práticas Docentes do Ensino Fundamental da Universidade Metropolitana – UNIMES.

A sequência didática é um conjunto organizado de atividades de ensino e aprendizagem que são planejadas de forma sequencial e progressiva, com o intuito de alcançar o objetivo proposto.

Neste trabalho, a sequência didática tem a finalidade de auxiliar o docente no desenvolvimento do ambiente sociomoral e na construção da autonomia do estudante por meio da dialogicidade. Para Zaballa (1998), a sequência didática é um tipo de ordem que propõe as atividades que auxiliam o docente no levantamento de um conflito inicial, entre o que já se conhece da situação problema e o que se deve saber, contribuindo para que o estudante coopere e se sinta capaz e disposto a resolver o conflito, atuando de forma autônoma.

O desenvolvimento do ambiente sociomoral é baseado nos princípios das relações interpessoais que envolvem o ambiente de sala de aula e a regulação da capacidade de cooperação.

Diante dos problemas que permeiam o desenvolvimento moral, a análise de Piaget (1932/1994) discute os contornos do pensamento infantil diante de cenários que envolvem situações que o autor define em três fases morais. Este trabalho foca-se na autonomia do estudante que é orientado para a reflexão de ações por meio do diálogo.

Um dos maiores desafios do desenvolvimento do ambiente sociomoral em sala de aula é a perspectiva do olhar dinâmico sobre o outro com o auxílio de estratégias, objetivos e formas de organizar a vida social e escolar por meio do diálogo. Para Menin (1996), deve-se questionar o conceito de ética e moralidade, refletindo-se quanto à forma de ancorar o comportamento ético e moral nas escolas.

Uma questão central da coexistência harmoniosa é facilitar a relação interpessoal, favorecendo o vínculo entre a prática do desenvolvimento de um ambiente sociomoral e a construção da autonomia baseada em regras, combinadas previamente com a participação de todos os envolvidos em sala de aula.

Para Vinha e Tognetta (2000), o desenvolvimento moral é influenciado pela capacidade de suprimir emoções, julgamentos morais e comportamento antissocial e de iniciar um comportamento moralmente válido. A moralidade é muito mais do que o respeito às leis e normas estabelecidas, ou a ação adequada diante de uma dada situação. Moralidade significa mais do que apenas seguir regras, mas também pensar por que certas regras e leis devem ser seguidas e outras não.

No entanto, Piaget (1932/1994) define a moralidade como “um sistema de regras”. Sob a perspectiva piagetiana, a moralidade é um conjunto de regras construídas no eixo da sala de aula por meio do diálogo, que se reflete nas relações harmoniosas, analisados o eixo da intencionalidade e o cumprimento das regras e combinados. Ao propiciar o desenvolvimento do ambiente sociomoral, é necessário compreender a moral relacionada ao conjunto de regras e princípios que regem a convivência na relação de um sujeito, como a relevância social e a sociabilidade interpessoal.

No momento em que as crianças começam a se submeter verdadeiramente às regras e a praticá-las segundo uma cooperação real, formam uma concepção nova da regra: pode-se mudá-las, com condição de haver entendimento, porque a verdade da regra não está na tradição, mas no acordo mútuo e na reciprocidade (Piaget, 1994, p.82).

Em suma, para que ocorra o desenvolvimento do ambiente sociomoral é necessário que o docente propicie ao estudante passar da heteronomia para a autonomia em sala de aula. As ações que favoreçam o diálogo e a cooperação levam à harmonia nas relações interpessoais. No entanto, é preciso que o docente realize atividades que promovam a reflexão e a construção das regras e combinados, com o intuito de facilitar o desenvolvimento da autonomia do estudante.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Elaborar uma sequência didática sobre o desenvolvimento do ambiente sociomoral e da autonomia moral dos estudantes, por meio do diálogo, voltada para os docentes do ensino fundamental.

2.2 Objetivos Específicos

Auxiliar os docentes por meio de uma sequência didática que promova a reflexão do estudante sobre as regras e combinados, visando ao desenvolvimento da autonomia moral;

Construir regras e combinados junto aos estudantes, com o intuito de promover a cooperação e a autonomia em sala de aula;

Apresentar e discutir recursos que auxiliem no desenvolvimento das relações interpessoais em sala de aula, objetivando promover o desenvolvimento do ambiente sociomoral e a construção da autonomia do estudante do ensino fundamental.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os Estágios do Desenvolvimento Piagetiano

A estrutura conceitual detalhada nas teorias de epistemologia genética de Piaget serve como eixo para muitas pesquisas sobre moralidade e desenvolvimento cognitivo. Partindo desse princípio, a publicação *O juízo moral na criança e suas ramificações*, Piaget (1932/1994) conduz a construção de reflexões e práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento sociomoral da moralidade humana.

O autor Piaget (1932/1994), analisa que a percepção da aquisição moral da criança pode ser compreendida pela transmissão de regras e pelo respeito adquirido entre os sujeitos envolvidos. Advindo da consciência, são identificados três estágios com tendências para a moralidade: anomia, heteronomia e autonomia. Estes estágios ocorrem de forma linear desde o nascimento e seguindo até o desenvolvimento pleno da criança.

Partindo da análise dos estudos piagetianos, os jogos de regras são um momento propício à análise da moral e às dimensões de seu desenvolvimento. Diante do núcleo da moral, compreende-se três comportamentos intrínsecos: os sentimentos, as ações e os juízos. O autor Piaget (1932/1994) se aprofundou sobre o juízo moral, como os sujeitos pensam, os julgamentos das situações morais e como as regras são aplicadas no momento de sua realização, levando à consciência moral.

Piaget (1932/1994) analisa os estágios do pensamento infantil diante de situações que compõem a moralidade. Por meio desse estudo Piagetianos (1932/1994), o autor evidencia três estágios morais, iniciando pela anomia que leva para o que é exterior ao sujeito, a heteronomia que a criança é obediente ao adulto, e a terceira que é direcionada pela reflexão das ações e juízos, a autonomia. Os estudos levam para a importância da compreensão de cada uma delas, incluindo a necessidade de conceituá-las.

Figura 1 - Estágios do desenvolvimento

ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO

PIAGET (1932/1994)



ANOMIA
A anomia do desenvolvimento moral é determinada na fase em que a criança não tem consciência de suas ações e acata todas as regras por hábito. Nesse estágio, que se estende aproximadamente até os quatro anos de idade, a criança não tem entendimento das ações que por ela devem ser seguidas

HETERONOMIA
A heteronomia está ligada ao respeito unilateral da autoridade. O indivíduo não tem consciência e nem entendimento da ação da obediência.

AUTONOMIA
Na autonomia é necessário que haja a superação do egocentrismo, levando-se em consideração a importância da cooperação no sobrepujamento do limiar das relações interpessoais, sempre com base no cumprimento das regras e combinados.

No momento em que as crianças começam a se submeter verdadeiramente às regras e a praticá-las segundo uma cooperação real, formam uma concepção nova da regra: pode-se mudá-las, com condição de haver entendimento, porque a verdade da regra não está na tradição, mas no acordo mútuo e na reciprocidade. (Piaget, 1994, p. 82)

Fonte: elaborada pela Autora.

A anomia do desenvolvimento moral é determinada na fase em que a criança não tem consciência de suas ações e segue todas as regras por hábito. Nessa etapa, que dura até cerca de quatro anos, a criança não entende as ações que deve seguir, repetindo as ações do meio que convive.

A inexistência de regras faz com que a criança aja de acordo com sua vontade, definindo suas necessidades básicas como uma regra de comportamento focada no egocentrismo. Ao repetir as ações dos pais ou dos adultos em contato mais próximo com a intenção de ser aceita, a criança sente-se pertencente ao meio em que vive (Piaget, 1932/1994).

Para Piaget (1932/1994), heteronomia refere-se ao respeito unilateral pela autoridade. A criança não tem consciência ou compreensão de como funciona a obediência. O adulto é um ser inatingível ao qual a criança deve obedecer às ordens sem questionar, obedecendo cegamente às ordens dadas pela sua natureza divina e aceitando todas as sanções pela desobediência.

Após a moral da heteronomia, que é pautada à submissão das regras, segue para a tendência moral da autonomia que é baseada na compreensão das regras. Neste estágio em que o estudante tem a capacidade de controlar a si mesmo e conduzindo a consciência dos princípios morais, sendo capaz de agir com compreensão e reflexão sobre as regras e combinados.

Ao elencar as atribuições da conduta estabelecida pela criança em relação ao respeito e à solidariedade, para a concepção do que é justo ou injusto, que estão ligadas às sanções por julgamento com identificação de três níveis de justiça: imanente, retributiva e distributiva.

A justiça distributiva pode ser reduzida às noções de igualdade ou de equidade. Para a epistemologia, tais conceitos não poderiam ser senão a priori, se entendermos por a priori não naturalmente uma ideia inata, mas uma norma para a qual a razão tem que tender, conforme vai se depurando. A reciprocidade se impõe, com efeito, à razão prática, como os princípios lógicos se impõem, moralmente, à razão teórica. Mas, do ponto de vista psicológico, que é do fato e não do direito, uma norma a priori somente tem existência a título de forma de equilíbrio: constitui o equilíbrio ideal para o qual tendem os fenômenos, e a questão inteira permanece em saber, dados os fatos, por que sua forma não é assim e não diferente (Piaget, 1994, p. 238).

Conforme Piaget (1932/1994), a justiça distributiva é caracterizada pela igualdade, ou seja, fundamentada na noção de que uma repartição é injusta quando favorece uns às custas de outros. Este trabalho visa a justiça retributiva é proporcional entre o ato e a sanção.

De acordo com os estudos de Piaget (1932/1994), existem duas noções distintas: sanção expiatória e sanção por reciprocidade.

Reconhecemos, com efeito, a existência de duas morais na criança, a da coação e da cooperação. A moral da coação é a moral do dever puro e da heteronomia: a criança aceita do adulto um certo número de ordens às quais deve submeter-se, quaisquer que sejam as circunstâncias. O bem é o que está de acordo, o mal o que não está de acordo com estas ordens: a intenção só desempenha pequeno papel nesta concepção, e a responsabilidade é objetiva. Mas, à margem desta moral da coação, que tem por princípio a

solidariedade, que acentua a autonomia da consciência, a intencionalidade e, por consequência, a responsabilidade subjetiva [...] (PIAGET, 1994, p. 250).

Para o autor, a igualdade cresce com a solidariedade e a construção do conceito de equidade, ocorrendo de forma dialógica, permeando a análise que contempla a reciprocidade.

Diante do contexto, Piaget (1932/1994) analisa que o desenvolvimento da noção de justiça esteja com base nas relações interpessoais, a intervenção do adulto é importante para que ela evolua com direcionamento, mesmo não sendo suficiente. Sendo assim, o docente tem um papel fundamental na construção das relações interpessoais.

Ao elencarmos a sanção por reciprocidade, é a condução do fim da heteronomia, levando à autonomia moral com a compreensão de um processo de reflexão dos estudantes.

Piaget (1932/1994) reflete que entre as sanções possíveis, as únicas justas são aquelas que exigem uma restituição, ou que fazem o responsável pelas ações suportar as consequências de suas faltas, ou ainda que consistem na condução simples de reciprocidade.

Ao delinear as sanções por reciprocidade, Piaget (1932/1994), reflete sobre as ações menos severas: inicia-se com a exclusão momentânea ou definitiva do próprio grupo social; depois, reunir num grupo as sanções que só apelam à consequência direta e material dos atos.

No decorrer das ações, (Piaget 1932/1994), há a sanção, que consiste em privar o responsável de uma coisa da qual ele faz uso ou abusa. Também podemos agrupar sob o nome de reciprocidade simples ou propriamente dita as sanções que consistem em fazer à criança exatamente o que ela própria fez ao outro.

Além das sanções citadas por Piaget (1932/1994), pode-se instituir a sanção “restitutiva” em que o responsável deve pagar, consertar ou substituir o objeto quebrado, desaparecido etc. Ainda pode-se executar a simples repreensão, sem nenhuma punição, e a repreensão que não se impõe autoritariamente, mas que se limita a compreensão do responsável que rompeu o elo de solidariedade, conduzindo um momento dialógico e reflexivo.

Segundo o autor Piaget (1932/1994), para legitimar a ação da construção moral baseada na autonomia é necessário que haja a superação do egocentrismo, refletindo sobre a importância da cooperação no limiar das relações interpessoais, com base no cumprimento das regras e combinados.

É importante ressaltar que o olhar para o outro, na perspectiva de exercer a reciprocidade e possibilitar desenvolvimento moral, conduz as relações de respeito mútuo entre docentes e discentes em sala de aula, agindo de forma verdadeira e cooperativa entre todos os envolvidos.

No momento em que as crianças começam a se submeter verdadeiramente às regras e a praticá-las segundo uma cooperação real, formam uma concepção nova da regra: pode-se mudá-las, com condição de haver entendimento, porque a verdade da regra não está na tradição, mas no acordo mútuo e na reciprocidade. (Piaget, 1994, p. 82)

O equilíbrio das relações interpessoais está pautado no entendimento e na cooperação entre os responsáveis das ações e sobre todos os atores envolvidos. Diante do contexto da sala de aula, as relações interpessoais exercem uma dimensão potencializada nas familiaridades do juízo moral, atuando diretamente no desenvolvimento sociomoral.

Ao propiciar a compreensão e reflexão sobre as regras e os combinados entre educadores e educandos podem potencializar resultados positivos em sala de aula, ou seja, desenvolver um ambiente facilitador das relações interpessoais, favorecendo a autonomia moral por meio do acordo mútuo e da reciprocidade.

Segundo Piaget (1973, p. 40), “A sociedade mesma constitui, por outro lado, um sistema de interações, começando com as relações dos indivíduos dois a dois e se estendendo até as interações entre cada um deles e o conjunto dos outros [...]”.

O desenvolvimento da autonomia tem como objetivo principal o de formar personalidades autônomas e aptas a cooperar de forma voluntária, espontânea, que emerge da necessidade interior e do desejo de cooperar, segundo Piaget (1932/1994). Que isso ocorra, a participação e o desejo de todos dependem da compreensão das suas próprias necessidades e confiança no outro, por meio do diálogo e da escuta atenta.

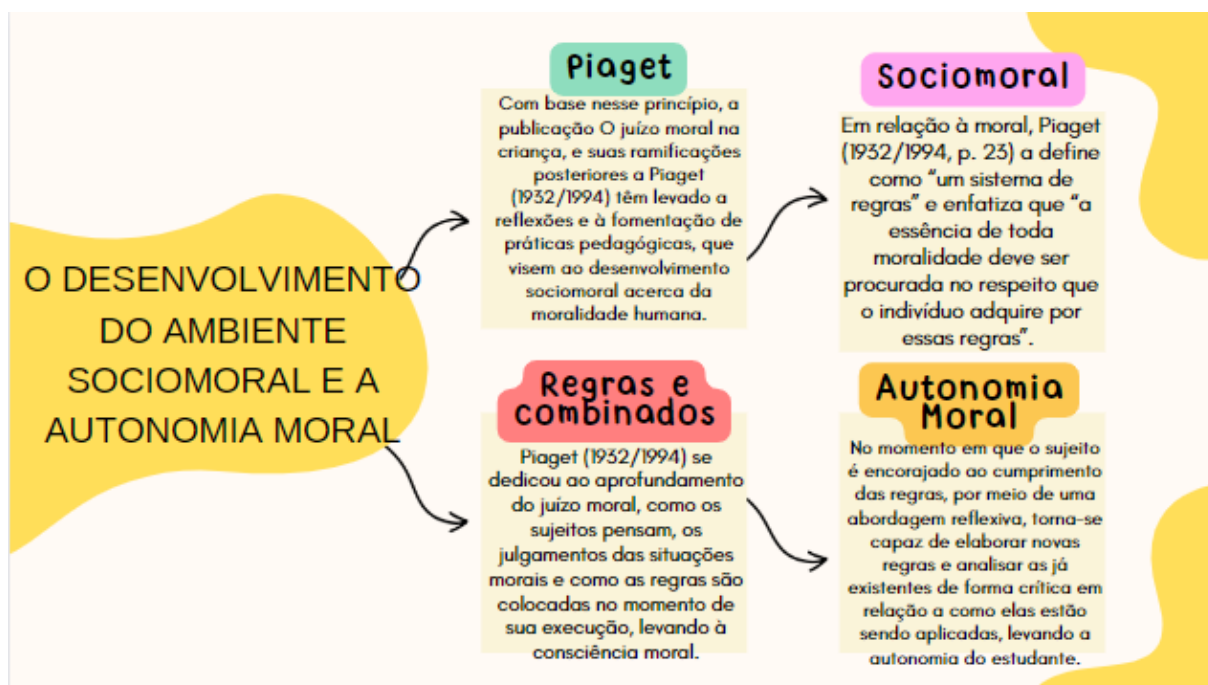
Em suma, o caminho a ser percorrido para o desenvolvimento da autonomia moral do indivíduo é oportunizar momentos em que ocorram

situações de conscientização que facilitem a compreensão da importância de um ambiente regulado por regras colaborativas.

3.1 O Desenvolvimento do Ambiente Sociomoral e Autonomia Moral – desmembrando seus sentidos

Com foco no conceito de ambiente sociomoral, torna-se imprescindível que o seu significado seja analisado e reintegrado para facilitar a compreensão da interdependência de seus elementos. A moral refere-se a um conjunto de regras e princípios que regem a convivência nas relações de um sujeito, como a relevância social e a sociabilidade interpessoal. Para Piaget (1932/1994), “o objetivo principal é o de formar personalidades autônomas e aptas a cooperar”. O desenvolvimento do ambiente sociomoral deve estar baseado nos princípios interpessoais que envolvem o âmbito da sala de aula e a regulação da capacidade de cooperação.

Figura 2 - Desenvolvimento do ambiente sociomoral



Fonte: elaborada pela Autora.

Piaget (1932/1994) aponta que a moralidade é “um sistema de regras”, e complementa a definição: “A essência de toda moralidade deve ser buscada no respeito que os indivíduos adquirem por essas regras”. Sob esse ponto de vista piagetiano, a moralidade é o conjunto de regras, comportamentos e educações disponíveis na sociedade que orienta a conduta individual, sendo analisada no eixo do diálogo na medida em que a intenção e o acordo são cumpridos nesta relação.

O desenvolvimento sociomoral está relacionado à estrutura conceitual detalhada na teoria da epistemologia genética de Piaget, eixo de muitas pesquisas sobre moralidade e desenvolvimento cognitivo.

Ao analisar as questões que permeiam o desenvolvimento moral, a análise de Piaget (1932/1994) discute os princípios do pensamento infantil diante de cenários envolvendo situações morais. Nesse contexto, Piaget (1932/1994) conceitua a autonomia que é orientada para a reflexão de ações e julgamentos. As considerações sobre os estudos da moralidade citados pelo autor levam à compreensão do comportamento dos estudantes do ensino fundamental a partir do prisma do eixo interacionista.

A reflexão do eixo interacionista remete aos estudos piagetianos, sendo a moralidade diretamente ligada ao respeito às regras, o que inclui não apenas a atitude de segui-las, mas também de reconhecê-las. Obedecer e realizar a execução reprodutiva das regras, por si só, não leva à reflexão sobre as normas construídas.

Por outro lado, quando os sujeitos são incentivados a seguir as regras por meio de uma abordagem reflexiva, tornam-se capacitados a elaborar novas normas e analisar criticamente as já existentes e as situações às quais se aplicam.

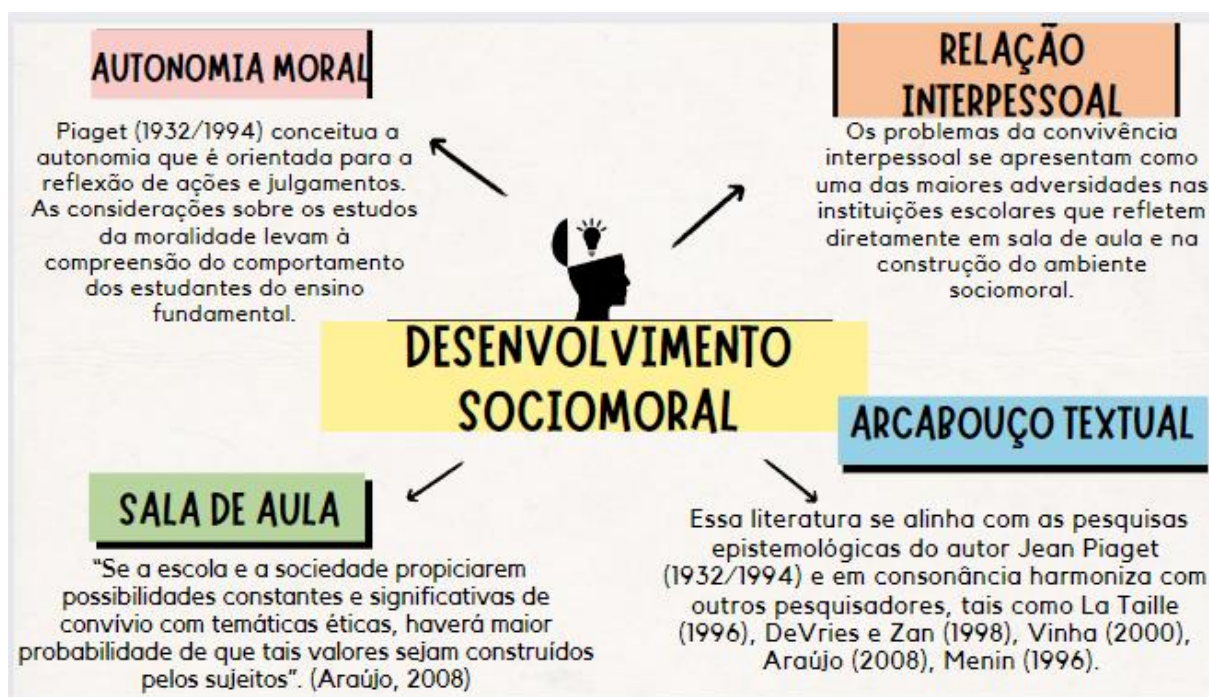
Em consonância, Telma Vinha (2000) considera como as normas e os valores são exteriorizados nos diversos conflitos do cotidiano escolar. As regras construídas em sala de aula e o comportamento dos alunos são aspectos essenciais no desenvolvimento das relações interpessoais. De acordo com a pesquisa realizada dialogando entre a teoria e a resposta dos oito participantes, em sua grande maioria, os professores, de forma inconsciente, mas constante, ensinam moralidade e promovem a melhoria do convívio interpessoal em sala de aula.

Desenvolver a autonomia tem um impacto profundo na sociedade como um todo, por meio do equilíbrio nas relações e no convívio interpessoal. La Taille (2006, p.108) reitera: “Entendo por senso moral (ou consciência moral) tanto a capacidade de conceber deveres morais, quanto de experimentar o sentimento de obrigatoriedade a eles referidos [...]”.

Diante do cenário da sala de aula, as relações interpessoais exercem uma dimensão ampliada em sua afinidade com os julgamentos morais, influenciando diretamente no desenvolvimento sociomoral. Compreender e refletir regras e combinados entre docentes e discentes pode motivar resultados positivos em sala de aula, com a construção de um ambiente sociomoral que favoreça as relações interpessoais e promova a autonomia moral.

Assim, a reflexão sobre o desenvolvimento sociomoral e da autonomia moral por meio do diálogo se alinha com a literatura dos estudos epistemológicos de Jean Piaget (1932/1994) e apresenta consonância com outros pesquisadores, tais como La Taille (1996), DeVries e Zan (1998), Vinha e Tognetta (2000), Araújo (2008), Menin (1996).

Figura 3 - Desenvolvimento sociomoral



Fonte: elaborada pela Autora.

A análise de Araújo (2008) retoma algumas das ideias apresentadas neste estudo e analisa questões associadas às relações humanas. Partindo da ideia básica de que a convivência é vivenciada dentro das relações interpessoais e sob a reflexão intrapessoal, conclui-se que ao respeitar as outras pessoas, respeita-se também seus valores e atitudes, visando ao convívio harmonioso.

[...] educação para a cidadania e para a vida em uma sociedade democrática demanda a construção de personalidades morais, de cidadãos autônomos que buscam, de maneira consciente e virtuosa, a felicidade e o bem pessoal e coletivo. (Araújo, 2015, p. 19).

Portanto, as relações interpessoais devem ser desenvolvidas em sala de aula, a fim de criar um ambiente sociomoral voltado à autonomia moral dos estudantes.

Do ponto de vista da sociedade, com efeito, pode-se formular uma pergunta prévia: é necessariamente função da educação o desenvolvimento da personalidade, ou, de preferência e mesmo essencialmente, cabe-lhe moldar os indivíduos de acordo com um modelo condizente com as gerações anteriores e suscetível de conservar valores coletivos? Quando, nas tribos primitivas, o adolescente é submetido às cerimônias rituais de iniciação e recebe, durante meses a fio, em uma atmosfera de tensão emotiva e de respeito místico, os segredos sagrados que haverão de transformar sua mentalidade de criança livre e cuja posse permitirá que seja ele agregado ao clã dos adultos, está claro que o objetivo principal dessa educação não é o pleno desenvolvimento da personalidade, mas, pelo contrário, a submissão da mesma ao conformismo social e a conversão integral das representações coletivas (Piaget, 1975, p. 59).

Analisar a importância do desenvolvimento individual e da interação no meio social revela que a influência do desenvolvimento social ao longo do tempo é determinada pelas interações sociais e pelos processos de evolução individual desde a infância até a idade adulta.

É inegável que a transformação humana levou ao desenvolvimento de formas sofisticadas de pensar a partir dos métodos mais primitivos. Experimentos ao longo da vida permitem refinamentos cognitivos, que por sua vez levam a novas estruturas cognitivas, sociais e emocionais.

[...] volto a afirmar que uma boa educação deve estimular a criança a transpor limites, sejam aqueles próprios de sua idade, para se tornar adulto, sejam aqueles de seu desempenho, para aperfeiçoá-los e dar o melhor de si. Toda criança precisa que um adulto lhe diga, com afeição e sinceridade: “você pode!” (La Taille, 2006, p.42)

Os adolescentes se comportam de maneira indiferente e incompreensível diante dos desafios diários, em busca da emancipação humana e da identidade social em uma sociedade que não contribui para a construção da autonomia.

Em análise aos conflitos que emergem nas relações entre adultos e adolescentes, esta pesquisa remete a estudantes do ensino fundamental, levando-se em conta a reflexão sobre as características do ambiente social e cultural do estudante.

No viés da reflexão docente, Vinha (2000) reitera que a ação docente tem um papel fundamental no desenvolvimento do ambiente sociomoral. Ao propiciar a autonomia dos estudantes, é necessário que os docentes minimizem o autoritarismo em suas relações com estudantes e ressignifiquem “a ação de autoridade”, fazendo uso do diálogo em sala de aula.

Ao pautarmos o papel do docente e a ressignificação das ações em sala de aula, essas premissas enfatizam o encontro do princípio da análise do núcleo de pensamento. A gênese da reflexão é a retomada do caminho ao seu ponto de partida, o olhar sobre si, pois ao promover o uso da competência sociomoral contribui para o reconhecimento do outro, ocorrendo uma ação legítima. Nesse sentido, Freire (2007) considera que “é preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele”, em subsequência afirma que:

Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolavelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso. É um ser imerso no mundo, no seu estar adaptado a ele e sem ter dele consciência (Freire, 2007, p.7).

Ao propiciar o desenvolvimento da autonomia, o docente facilita a condução das relações interpessoais, levando a um ambiente harmonioso pautado na dialogicidade e na reflexão das ações de todos os envolvidos no processo da compreensão do papel de cada um em sala de aula. Nessa perspectiva, Menin (2010) sugere que o docente desenvolva projetos relacionados à educação moral e à construção da autonomia, promovendo a reflexão para si e para os outros.

Esses caminhos devem permanecer abertos, pois são, muitas vezes, os únicos possíveis em instituições em que a direção ou a maioria dos profissionais prefere a manutenção de relações autoritárias, as quais garantem as instâncias de poder institucionalizadas e consolidadas (Araújo, 2015, p. 39).

Este produto educacional, constituído por uma sequência didática, visa a um dos caminhos possíveis para auxiliar o educador a buscar um olhar significativo no que concerne à constituição moral do educando, e apresenta-se voltado em especial aos docentes do ensino fundamental, com o intuito de facilitar que o desenvolvimento do ambiente sociomoral por meio do diálogo possa constituir um dos papéis de fundo primordial que envolve a construção da autonomia do discente.

3.3. O Diálogo como eixo Norteador do Desenvolvimento Sociomoral

Em formato de sequência didática, este produto educacional possibilita a todos os participantes interagirem durante a proposta de reflexão. Segundo Araújo (2015), o conceito inerente ao diálogo de focar momentos de comunicação está relacionado à execução dos movimentos de “ver” e “ouvir”. O diálogo é essencial para um convívio harmonioso em sala de aula, desempenhando um papel importante nas relações humanas, ao estimular a autorreflexão diante do conflito na construção da autonomia.

Figura 4 - O diálogo como eixo norteador do ambiente sociomoral



Fonte: elaborada pela Autora.

Para Araújo (2008), propiciar o diálogo representa uma mudança fundamental na forma como as relações são construídas dentro das escolas e, quando devidamente articuladas com relações interpessoais, podem de fato tornar-se efetivas na escuta do outro. “Tendemos a atribuir caráter negativo aos conflitos cotidianos, vistos como incompatíveis com o amor, o afeto e a harmonia que deveriam reinar nas relações humanas. Por isso são reprimidos, subestimados, criticados, ignorados e, em geral, condenados” (Araújo, 2015, p.20).

É importante ressaltar que os conflitos e as relações interpessoais são aperfeiçoados diariamente no cotidiano, facilitando a interação e a constância nas relações harmoniosas entre discentes e docentes.

[...] aprender a ser cidadão e cidadã é, entre outras coisas, aprender a agir com respeito, solidariedade, responsabilidade, justiça, não violência; a usar o diálogo nas mais diferentes situações e a comprometer-se com o que acontece na vida coletiva da comunidade e do país (Araújo, 2015, p. 8).

A construção da autonomia moral e do ambiente sociomoral está associada ao conceito de relacionamento interpessoal por meio do diálogo. Para Menin (2002), a norma livremente consentida passa a ser respeitada em função de relações interpessoais entre indivíduos mais iguais entre si e guiadas pela dialogicidade visando a uma comunicação fluida.

Para as autoras DeVries e Zan (1998, p. 124-125), “[...] é benéfico a pessoa sentir as consequências naturais de seus atos, e legítimo quando se trata de fazer a criança compreender o alcance deles”.

O foco da mobilização inicial para as assembleias deve ser o de levar o grupo a refletir sobre a importância de se criar espaços dialógicos, que melhorem a convivência dentro da escola e das salas de aula, ao mesmo tempo em que contribuam para a formação de valores sociais e pessoais mais democráticos e de uma melhor habilidade para lidar com os sentimentos e as emoções próprias e dos demais (Araújo, 2004, p. 49).

Menin (1996, p. 40) enfatiza que “[...] quando decidimos seguir certas regras, normas e leis por vontade própria, independente das consequências externas imediatas, estaremos sendo autônomos.” O diálogo tem papel significativo na relação interpessoal e se dá pela decisão de executar ações que atendam às regras após os momentos de reflexão.

Em consonância, Vinha e Tognetta (2007) reiteram a necessidade de oportunizar ambientes facilitadores para as reflexões e ações que favoreçam o desenvolvimento de um ambiente autônomo e que possibilitem ao estudante participar de momentos dialógicos que levem à reflexão, à responsabilidade e à tomada de decisões.

Somente um ambiente no qual o aluno experimente viver situações que o levem a construir valores morais pelo respeito mútuo, a praticar a justiça como um exercício constante e a tomar decisões e assumir responsabilidades de promover uma autodisciplina que o tornará capaz de regular seu próprio comportamento, não se limitando a simplesmente obedecer às ordens exteriores à sua consciência. (Vinha; Tognetta, 2007, p.133)

Dada a diversidade da convivência humana, o conflito é natural nas salas de aula durante a construção das relações interpessoais. Ao oferecer oportunidades de diálogo, é importante fazê-lo de forma que este leve a uma análise do pensamento e comportamento relacionados ao conflito.

Quando pensamos sobre as razões pelas quais o estudante traz consigo determinado comportamento, deve-se levar em consideração as atitudes imediatas e intrínsecas de cada um de acordo com a vivência do indivíduo fora do ambiente escolar. No entanto, ao estimular o diálogo em sala de aula, o docente incentiva a participação e o engajamento dos envolvidos no processo do desenvolvimento da autonomia do estudante, valorizando as diferentes vivências individuais e concepções que envolvem as situações que levaram ao momento reflexivo.

É imprescindível que o espaço reservado ao diálogo não se torne um momento de reflexão isento de significação para todos os envolvidos no processo de desenvolvimento da autonomia. O diálogo é um princípio norteador que possibilita momentos de escuta em que os participantes podem exercer autonomia e buscar harmonia em suas relações interpessoais, havendo escuta de todas as partes. Caso contrário, o diálogo pode se tornar vazio, sem oportunizar verdadeiramente as mudanças para que se alcance um resultado significativo.

Os momentos dialógicos promovem o levantamento de ideias e a construção de argumentos para que haja a cooperação entre os participantes. Um dos propósitos do diálogo é proporcionar a estudantes e professores a oportunidade de trocar emoções e informações diversas, acolher propostas de diferentes perspectivas sobre o mesmo tema e estimular a formação da autonomia.

Figura 5 - Momentos dialógicos



Fonte: elaborada pela Autora.

A sequência didática promove a aplicação de estratégias aos docentes para desenvolver o ambiente sociomoral e autonomia moral do estudante nos momentos dialógicos. Para Araújo (2004), ao elucidar o momento de reflexão, é necessário que o docente deixe evidente a todos os participantes qual o conflito que será levantado diante da situação problema. É importante que o docente relate sua percepção sobre os critérios de hierarquia, bem como aponte a oportunidade para que todos possam apresentar suas considerações e sugestões sobre o tema proposto.

Não obstante, no fechamento do momento dialógico, deve-se colocar as felicitações da reflexão com a intenção de transformar o conflito de forma natural nas relações interpessoais, buscando trazer harmonia ao momento de desenvolvimento da moralidade.

O primeiro momento é o de aproximação e de esclarecimentos sobre o tema. Inicia-se com o coordenador perguntando se a pessoa que colocou determinado tema na pauta gostaria de manifestar-se. Isso é importante porque as pessoas não são obrigadas a dar sua opinião em público ou, ainda, preferem não se expor diante do grupo. Apenas depois da manifestação do autor da proposta, ou de seu silêncio, o coordenador da assembleia abre a discussão para os demais participantes da assembleia (Araújo, 2004, p.75).

O pesquisador Araújo (2004) reitera que, ao propiciar os momentos de reflexão, a condução deve requerer habilidades inerentes na prática docente, fazendo uso da organização das manifestações dos participantes, bem como promover o entendimento sobre o contexto que envolve a temática.

Apresenta-se como fator relevante a oportunidade de posicionamentos a todos estudantes durante o diálogo, respeitando os que não querem se manifestar publicamente. No entanto é preciso estar atento para não estabelecer as falas somente para os discentes que tendem a se comunicar com maior facilidade, inibindo os mais tímidos. As ações devem ser conduzidas de forma que todos possam expor suas considerações pertinentes à temática exposta.

Por fim, o docente deve ter consciência que não existe um único caminho que leve ao desenvolvimento sociomoral e à construção da autonomia moral do estudante. O diálogo como precursor de momento de reflexão conduz à ideia de que um mesmo conflito pode ter diversas formas de solução e visão de argumentação dos discentes. Sendo assim, ao conduzir o diálogo e a harmonia nas relações interpessoais, todos conseguem construir um sujeito autônomo e participativo.

4. SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

O desenvolvimento do ambiente sociomoral e da autonomia moral por meio do diálogo

Duração: 5 aulas

Público-alvo: Docentes que atuam no Ensino Fundamental.

Objetivo geral

Auxiliar a formação do docente sobre o desenvolvimento do ambiente sociomoral e da autonomia moral e propor caminhos para a prática docente com sequência didática que foquem na dialogicidade para aplicação na sala de aula.

Objetivos Específicos

- Compreender as regras e combinados que auxiliam no desenvolvimento da autonomia moral do estudante;
- Construir as regras e combinados junto aos estudantes com o intuito de promover a cooperação e a autonomia em sala de aula;
- Promover e discutir recursos que levem à reflexão, à autorreflexão e ao desenvolvimento das relações interpessoais em sala de aula.

Metodologia

Aula expositiva dialogada, roda de conversa, debate sobre os temas abordados, troca de experiências.

Justificativa

Acreditamos que o docente possui um arcabouço textual sobre o desenvolvimento do ambiente sociomoral e da autonomia moral. No entanto, ao enfrentar as dificuldades geradas na construção das regras e combinados e nas relações interpessoais, o diálogo é o percussor de todo o processo. Este material visa oportunizar sequências didáticas que levem ao desenvolvimento sociomoral do estudante em sala de aula por meio da dialogicidade nas relações interpessoais.

Resultados esperados

O uso de instrumentos propostos pelo curso como um recurso para auxiliar a prática do professor em seu cotidiano escolar.

SEQUÊNCIA DAS AULAS

Aula 1 – Construção da autonomia em sala de aula

Figura 6 - Construção da autonomia em sala de aula



Fonte: Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-SA-NC](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/)

Objetivo

Promover o pensamento crítico, a reflexão ética e a habilidade de tomar decisões na construção das regras e combinados.

Descrição da atividade

Prepare uma lista de situações cotidianas que são relevantes para os estudantes. Esses dilemas precisam estar inseridos na construção de regras e combinados em sala de aula. É importante de que os dilemas sejam desafiadores e possibilitem diferentes pontos de vista.

Divida a turma em grupos pequenos e forneça a cada grupo uma proposta de uma possível regra, para que cada grupo possa analisar e discutir. Peça aos grupos que analisem a sua regra e identifiquem os diferentes pontos de vista.

Dê tempo aos estudantes para que possam discutir a regra proposta e preparar argumentos para uma apresentação à classe. Acompanhe as discussões dos grupos.

Realize um debate em sala de aula, em que cada grupo apresente sua regra, compartilhando suas reflexões e argumentos. Incentive a participação de todos os discentes, permitindo que expressem suas opiniões e ofereçam contra-argumentos.

Após o debate, promova uma discussão aberta em sala de aula, propiciando que os estudantes possam refletir sobre os diferentes pontos de vista apresentados, realizando uma lista de regras e combinados a serem seguidos, bem como, caso haja quebra das regras, as consequências que podem acontecer.

Desfecho da atividade

Para finalizar, assista ao vídeo do Youtube: A importância da Cooperação <https://www.youtube.com/watch?v=NNoAdZA6S7w>

Conclua a atividade resumindo as principais conclusões e incentivando os estudantes a aplicarem as regras e combinados em sala de aula.

Essa atividade permite que os estudantes desenvolvam a autonomia moral, além de estimular o diálogo respeitoso e a compreensão das perspectivas da cooperação em sala de aula. É importante criar um ambiente que tenha como base a dialogicidade, onde todos os estudantes se sintam à vontade para expressar seus pontos de vista e opiniões, mesmo que diferentes dos demais.

Referências

ARAÚJO, U.F. Escola, democracia e a construção de personalidades morais. **Educ. Pesquisa**. 2000, v. 26, n.2, p.91-107. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022000000200007. Acesso em 14 jun. 2023.

MENIN, M. S. S. **Autonomia e heteronomia às regras escolares: observações e entrevistas na escola**. São Paulo, 1985. 215 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1985.

Aula 2 – Análise do cumprimento das regras e combinados em sala de aula

Figura 7 - Análise do cumprimento das regras e combinados em sala de aula



Fonte: Google

Objetivo

Promover discussões, reflexão diante das ocorrências das quebras de regras e combinados em sala de aula.

Descrição da atividade

Apresente aos estudantes algumas situações que envolvam as ocorrências que mais acontecem em sala de aula. Esses casos podem abordar questões como *bullying*, jogar bolinhas de papel, atrasos em sala de aula, falta de cooperação e respeito pelos outros.

Divida a classe em pequenos grupos – aproximadamente de 4 a 5 participantes – e atribua a cada grupo uma situação para ser analisada e discutida.

Instrua os grupos a discutirem o caso, identificarem os valores e princípios éticos envolvidos, considerarem diferentes perspectivas e debaterem possíveis soluções.

Oriente os grupos a fazerem anotações durante a discussão, com o registro de suas reflexões e argumentos.

Discussão em grupo

Reúna a classe para uma discussão em grupo, explicando que cada grupo apresentará a situação, compartilhará suas reflexões e argumentos.

Promova uma discussão aberta, incentivando os estudantes a expressarem seus pontos de vista, ouvirem atentamente os colegas e construir argumentos fundamentados.

Estimule a troca de ideias, o debate respeitoso e a consideração das consequências das decisões tomadas em cada caso.

Figura 8 - Momento de reflexão



Fonte: Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-NC](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Reflexão individual

Peça aos estudantes que façam uma reflexão individual por escrito sobre a atividade. Eles devem registrar o que aprenderam com a discussão, como suas perspectivas podem ter sido ampliadas e como podem aplicar o uso da autonomia e das relações interpessoais no cotidiano escolar em sala de aula.

Desfecho da atividade

Encerre a atividade resumindo os principais pontos discutidos durante a análise dos casos apresentados no início da atividade.

Destaque a importância da reflexão, do pensamento crítico e da cooperação na construção das relações interpessoais e da autonomia.

Incentive os estudantes a continuarem explorando questões que envolvam o juízo moral em seu cotidiano, buscando soluções que promovam o bem comum e a justiça social.

Ao realizar essa atividade, os discentes terão a oportunidade de se engajar em discussões significativas, refletir sobre questões morais e tomada de decisões em sala de aula. Além disso, eles serão estimulados a cultivar o diálogo e a cooperação pensando no coletivo, fortalecendo assim o seu desenvolvimento sociomoral nas relações interpessoais.

Referências

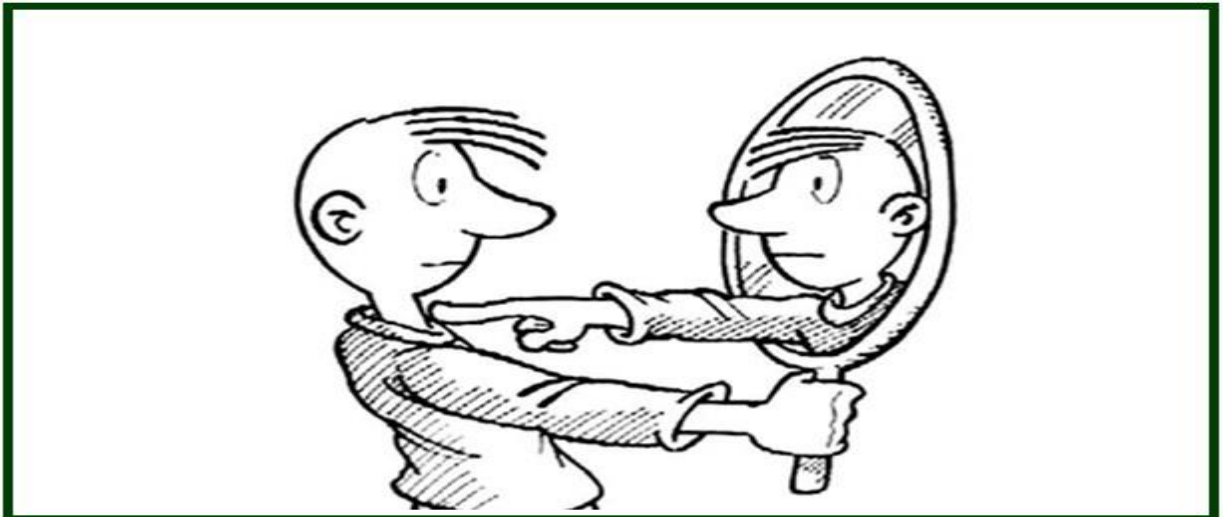
Vídeo no Youtube: **A história das colheres de cabo grande**

https://www.youtube.com/watch?v=-NQlcS4_KBo

LA TAILLE. Y. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Aula 3 – Reflexão do cumprimento individual das regras e combinados em sala de aula

Figura 9 - Análise do cumprimento individual das regras e combinados em sala



Fonte: Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY](#)

Objetivo

Promover o pensamento crítico e a autorreflexão diante das situações cotidianas em sala de aula.

Descrição da atividade

Atividade

"Autorreflexão das situações cotidianas em sala de aula"

Uma atividade prática que possibilite aos docentes promoverem o desenvolvimento sociomoral dos estudantes, propiciando momentos de autorreflexão dos discentes em sala de aula. Essa atividade incentiva a reflexão dos discentes sobre a consciência das regras e combinados, considerando diferentes perspectivas das tomadas de decisões.

Apresente aos estudantes algumas situações que envolvam as ocorrências que mais acontecem em sala de aula. Esses casos podem abordar

questões como bullying, jogar bolinhas de papel, atrasos em sala de aula, falta de cooperação e/ou respeito pelos outros.

Entregue uma folha a cada estudante contendo as principais questões abordadas nas regras previamente combinadas, colocando em cada uma delas quais são as descrições em que há mais descumprimento das regras, tais como: cumpro totalmente, cumpro boa parte, cumpro só um pouco e cumpro nem um pouco.

Instrua os estudantes a analisarem cada regra e que façam uma autorreflexão sobre a consciência e cumprimento de cada regra analisada em conjunto com os colegas e professores.

Reflexão individual

Peça aos estudantes que façam uma autorreflexão por escrito sobre a atividade, anexando a folha entregue. Eles devem registrar o que aprenderam com todo o processo de construção das regras, como suas perspectivas apresentadas na atividade anterior foram aplicadas com o uso da autonomia e das relações interpessoais no cotidiano escolar em sala de aula, bem como quais ainda necessitam de ajustes.

Desfecho da atividade

Encerre a atividade resumindo os principais pontos discutidos durante a análise dos casos apresentados no início da atividade.

Referências

DEVRIES, R.; ZAN, B. **A Ética na Educação Infantil**: O ambiente sócio moral na escola. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

Aula 4 – Projeto de Serviço Escolar: Cuidando do Próximo

Figura 10 - Projeto de Serviço Escolar: Cuidando do Próximo



Fonte: Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY](#)

Objetivo

Promover o desenvolvimento do ambiente sociomoral dos estudantes, estimulando a cooperação e as relações interpessoais.

Descrição da atividade

“Escutar e cooperar para ajudar o próximo”

Introdução

Inicie uma atividade explicando aos estudantes o conceito de “escutar o outro”, a importância para a sociedade. Destaque a voz de cuidar das pessoas que nos cercam.

Convide os estudantes a refletirem sobre problemas sociais ou necessidades existentes na comunidade escolar e como a escuta poderia ajudar o outro.

Brainstorming e escolha do projeto

Realize um *brainstorming* coletivo em sala de aula, dando oportunidade aos estudantes de compartilharem ideias sobre projetos de serviço escolar que

poderiam melhorar as relações interpessoais na escola. Incentive-os a considerar as necessidades da comunidade e os recursos disponíveis.

Os estudantes devem entrevistar as pessoas da comunidade escolar para a escolha do projeto.

Como grupo, discutam e escolhem um projeto de serviço comunitário que seja viável de ser realizado. Leve em consideração o tempo disponível, os recursos necessários e a capacidade do grupo de realizar o projeto.

Planejamento e execução do projeto

Divida a turma em equipes responsáveis por diferentes aspectos do projeto, como pesquisa, organização, implementação e avaliação.

Peça aos estudantes que planejem detalhadamente as etapas do projeto, incluindo o cronograma, a distribuição de tarefas e a mudança de avaliação do impacto.

Supervisione e oriente os estudantes durante a execução do projeto, incentivando a colaboração, o respeito e a responsabilidade em relação às atividades propostas.

Reflexão

Reserve um tempo para que os estudantes reflitam sobre a experiência de participar do projeto de serviço escolar e analisar se houve a melhora das relações interpessoais. Incentive-os a compartilharem suas experiências, desafios enfrentados, aprendizados adquiridos e o impacto que a atividade teve na comunidade escolar.

Discuta em grupo como o projeto contribuiu para o desenvolvimento sociomoral dos estudantes, como a cooperação, as responsabilidades foram cultivadas ao longo do processo.

Estimule-os a pensar em formas de continuar a participação em projetos de serviço comunitário no futuro, como indivíduos engajados e responsáveis.

Culminância

Convide uma comunidade escolar para uma apresentação no dia dos pais, onde os estudantes possam compartilhar suas experiências e o impacto do projeto de cooperação envolvendo a todos nas relações interpessoais.

Reconheça e valorize o esforço e o comprometimento dos estudantes, incentivando-os a continuar buscando oportunidades de cuidar das pessoas ao seu redor.

Desfecho da atividade

Ao realizar essa atividade, os discentes terão a oportunidade de se engajar em discussões significativas, refletir sobre questões morais complexas e desenvolver habilidades de pensamento crítico e tomada de decisões por meio de projeto. Além disso, eles serão estimulados a cultivar a escuta e a cooperação pensando no outro, fortalecendo assim o seu desenvolvimento sociomoral nas relações interpessoais.

Referências

VINHA, T. P.; TOGNETTA, R.P.; AZZI, Roberta G; ARAGÃO, A.M. F. de; MARQUES, C. A. E; SILVA, L. M F da; MORO, A. VIVALD, F.M. de C; RAMOS, A.M; OLIVEIRA, M.T. A; BOZZA, T.C. L. O clima escolar e a convivência respeitosa nas instituições educativas. **Estudos em Avaliação Educacional**. São Paulo, v.27, n.64, p.96-127, jan. / abr. 2016. Disponível em:<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/eae/article/view/3747/3157>. Acesso em: 09 maio 2023.

Aula 5 – Avaliação da Sequência Didática

Figura 11 - Avaliação da Sequência Didática



Fonte: Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-NC](#)

Objetivos

Realizar com os professores a avaliação sobre a sequência didática e, concomitantemente, sugerindo que os itens norteadores da avaliação possam auxiliá-los a, também, realizar esta avaliação com seus discentes.

Atividade

Avaliação individual

É solicitado aos professores participantes que reflitam, individualmente, sobre a sequência didática. Eles devem considerar alguns indicadores, tais como: como as atividades foram realizadas, a organização das aulas, o clima de sala de aula e sua própria participação, apropriação dos conhecimentos trabalhados.

- Distribuição de uma folha impressa, contendo as seguintes perguntas:
- Quais foram os pontos fortes da sequência didática? Por quê?
- Quais foram as dificuldades encontradas na aplicação da sequência didática? Como você lidou com elas?
- Quais atividades contribuíram para a reflexão das suas ações? Por quê?

- Como você se sentiu em relação ao ambiente de sala de aula durante a sequência didática?
- O que você aprendeu sobre o outro e sobre si mesmo nessa sequência didática?

Compartilhamento e *feedback*

Os participantes são convidados a compartilharem suas avaliações, caso se sintam confortáveis.

Apoio aos docentes para oferecerem *feedback* construtivo e apoio mútuo, destacando os pontos fortes e incentivando a busca contínua pela melhoria.

Como professor, pretende-se dar *feedback* e orientações individualizadas, se necessário.

Reflexão final

A finalização da atividade ocorre fazendo uma reflexão coletiva sobre os resultados da avaliação da sequência didática, enfatizando os pontos fortes e os pontos que necessitam de melhorias.

Referências

VINHA, T. P.; TOGNETTA, R.P **Quando a escola é democrática**: um olhar sobre a prática de regras e assembleias na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2007, p. 144

_____. **O educador e a moralidade infantil**: uma visão construtivista. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2000. Coleção Educação e Psicologia em Debate.

_____. Construindo a Autonomia Moral na Escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 525-540, set./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/3316/3226>. Acesso em: 25 maio 2023.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O produto apresenta-se como uma sequência didática que, com base em pesquisa de fácil manuseio, promove a aplicação de estratégias para desenvolver o ambiente sociomoral e autonomia do estudante, por meio da dialogicidade.

A sequência didática apresentada visa auxiliar a compor o plano de aula dos docentes. As ações desenvolvidas nas atividades propostas devem ser conduzidas de forma que todos os participantes possam expor suas considerações pertinentes a cada temática exposta.

Nesse contexto, as atividades sugeridas apenas apontam algumas possibilidades de abordagem, podendo ser alteradas e reestruturadas dependendo da dinâmica em sala de aula e do contexto vivenciado pelos envolvidos no processo de aprendizagem.

Além de abordar o tema do desenvolvimento do ambiente sociomoral e autonomia do estudante, por meio da dialogicidade, a sequência didática tem também como objetivo promover a reflexão dos estudantes sobre as regras e combinados, construídos em conjunto, com a cooperação de todos.

Assim, além do conteúdo pedagógico, apresenta-se a oportunidade de discutir recursos que possam auxiliar no desenvolvimento das relações interpessoais em sala de aula, sempre objetivando promover o desenvolvimento do ambiente sociomoral e a construção da autonomia do estudante do ensino fundamental.

Toda troca de experiência, bem como a amplitude de informações relacionadas ao cotidiano dos discentes são acréscimos pedagógicos engrandecedores que fundamentam a elaboração do produto aqui apresentado.

Fica evidenciado o impacto que o desenvolvimento da autonomia tem na sociedade como um todo, por meio do equilíbrio nas relações e no convívio interpessoal dentro da sala de aula.

A partir da proposta apresentada aqui como produto educacional, pretende-se não apenas trazer sugestões de atividades, mas também levar os docentes à reflexão sobre caminhos possíveis na busca de um olhar significativo no que concerne ao desenvolvimento do juízo moral do educando.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, U. F. Escola, democracia e a construção de personalidades morais. **Educ. Pesquisa**. 2000, v. 26, n.2, p.91-107. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022000000200007. Acesso em 15 mar. 2023.

_____. Resolução de Conflitos e Assembleias Escolares. **Cadernos de Educação (UFPel)**, v. 31, p. 115-131, 2008.

DEVRIES, R.; ZAN, B. A **Ética na Educação Infantil**: O ambiente sócio moral na escola. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 31 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2010

GOMÉZ, A. I. P. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: SACRISTÁN, J. Gimeno e GÓMEZ A. I. Pérez. **Compreender e Transformar o Ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Ed. Nacional, 1785/1994.

LA TAILLE, Y. A. indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

_____. O Sentimento de Vergonha e suas Relações com a Moralidade. e. In: **Revista Psicologia, reflexão e crítica**, 2002,15(1).

_____. Autonomia e identidade. **Revista Criança**, 2001.

_____. Desenvolvimento humano: contribuições da psicologia moral. **Instituto de psicologia – USP**. 18 (1), 11-36, 2007.

_____. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. **Formação ética**: do tédio ao respeito a si. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MENIN, M. S. S. **Autonomia e heteronomia às regras escolares: observações e entrevistas na escola**. São Paulo, 1985. 215 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1985.

_____. **Atitudes de adolescentes frente à delinquência como representações sociais**. Unesp: Scielo, 2003

_____. Desenvolvimento moral. In: MACEDO, Lino de (Org.). **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

_____. Desenvolvimento Moral: refletindo com pais e professores. In L. Macedo (org.). **Cinco estudos sobre Educação Moral** (p. 37-104). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

_____. Valores na escola. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 91-100, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11657.pdf>. Acesso em: 10 maio 2023.

PIAGET, J. (1932). **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

VINHA, T. P.; TOGNETTA, R.P **Quando a escola é democrática**: um olhar sobre a prática de regras e assembleias na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

_____. **O educador e a moralidade infantil**: uma visão construtivista. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2000. Coleção Educação e Psicologia em Debate.

_____. Construindo a Autonomia Moral na Escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 525-540, set./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/3316/3226>. Acesso em: 25 mar. 2023.

VINHA, T. P.; TOGNETTA, R.P.; AZZI, Roberta G; ARAGÃO, A.M. F. de; MARQUES, C. A. E; SILVA, L. M F da; MORO, A. VIVALD, F.M. de C; RAMOS, A.M; OLIVEIRA, M.T. A; BOZZA, T.C. L. O clima escolar e a convivência respeitosa nas instituições educativas.